



A pujança de uma profissão

A. Domingues de Azevedo

Quem esteve no Pavilhão Atlântico, em Lisboa, nos dias 24 e 25 de Setembro, no III Congresso dos Técnicos Oficiais de Contas, assistiu a uma manifestação sem paralelo. Penso que a maior, de índole profissional, realizada em Portugal. Cinco mil e 400 TOC deram corpo a uma inequívoca demonstração de pujança, vitalidade e harmonia de uma profissão que quer e tem o direito de ser reconhecida pelo muito que já deu e que ainda tem para dar à sociedade. Uma profissão que nunca regateou, quando pedido e concertado, o seu empenhado esforço na evolução do sistema fiscal e da vida financeira nacional.

Uma profissão que assenta os seus valores e direitos, não em reclamações ou manifestações de Estado-dependência, mas sim no sagrado princípio que o direito se adquire no cumprimento do dever.

O que está a acontecer, nomeadamente em termos de reconhecimento público do nosso trabalho, não é um mero acto de sorte, mas sim a consequência lógica de uma função que desde há muito vem sendo construída com labor, determinação e sacrifício.

Nem sempre aquela estratégia foi compreendida por alguns profissionais que em determinadas ocasiões a entenderam como uma cedência à Administração Pública e outros a denominaram de «megalómana». Não espantaram, por isso, as reacções de interesses no seio da profissão e fora dela, procurando impedir a agregação em Ordem, mérito mais do que devido a estes profissionais que tanto lutaram no cumprimento da causa de interesse público.

As inúmeras felicitações recebidas, antes, durante e depois do Congresso, não só pela passagem a Ordem, mas também pela ímpar realização deste evento, é a manifestação eloquente que estamos no trilho certo. Que estamos a percorrer o caminho que levará ao reconhecimento do mérito a que todos temos direito. Que estamos a construir um futuro melhor para os jovens que

agora abraçam esta actividade. Que estamos a procurar legar-lhes uma profissão melhor do que aquela que recebemos dos nossos antecessores. Sou uma pessoa muito prática, que gosta de liderar novos projectos, que gosta de olhar para trás e ter orgulho no que se construiu, mas como todos os outros também sou uma pessoa de sentimentos e quando vemos que o nosso esforço é compreendido pelos colegas que representamos, é natural que nos sintamos felizes.

Setembro de 2009 vai figurar para sempre como um mês histórico para a nossa profissão. A sucessão de factos e situações não me podiam ter deixado mais feliz. Feliz porque a grande família dos Técnicos Oficiais de Contas deu à sociedade portuguesa uma lição de pujança e unidade, como nunca se viu em eventos profissionais congéneres, pelo menos que a minha memória registre. Feliz porque a profissão está no limiar de dar o mais importante salto qualitativo de toda a sua história, fazendo com que os profissionais se integrem e adaptem a esta nova realidade, que revoluciona por completo a Contabilidade, chamada SNC. Feliz porque, finalmente, os TOC, muito brevemente, se vão organizar numa Ordem, situando-se ao mesmo nível de outras profissões, tornando moribunda a concepção que os considerava no fim da hierarquia profissional.

Estão criadas as condições mais importantes para o desenvolvimento da profissão de uma forma segura e orientada. É justo reconhecer que os TOC são a parte mais importante naquela evolução. Mas é também necessário compreender que ninguém dá nada a ninguém e que o crédito tem que ser conquistado, diariamente, não com reclamações, mas fazendo bem o que nos compete, cumprindo com o nosso dever. A nossa razão, o nosso direito, a nossa força e a nossa determinação, se nos unirmos em torno dos interesses profissionais, farão o resto. ■